

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

A dolorosa

Reba Vieira



Apresentando a conta. O devedor:
— Não tenho trôco.



PALESTRA AMENA

Raias

Gaffes, lhes chamam os francezes, tolices e *raias* lhes chamamos nós e veem a ser os enganos disparatados que se cometem em circunstancias especiais, acarretando para quem os comete uma situação ridícula ou falsa.

Não será grande coisa a definição, mas o leitor percebe o que queremos dizer, porque decerto já foi autor ou vítima de *gaffes*, e então passemos a dizer que não ha profissão mais sujeita a tais precalços do que a de jornalista.

A linda exposição de rosas dos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, que foi o encanto em Lisboa na ultima semana, originou uma *gaffe* que consistiu em certo colega nosso, tendo visitado outra exposição de flores, publicar a sua impressão da visita dando como expositores os referidos horticultores, quando não o eram tal. Do engano, tão facil de acontecer, riram-se pessoas conspicuas e muito mais se ririam se soubessem que ao mesmo jornalista aconteceu em tempos desastre mais ridiculo.

Foi o referido mancebo fazer a noticia d'um espectáculo teatral, para o periodico em que é critico, e no fim do 1.º ato da peça retirou-se; conhecia-a perfeitamente, conhecia-lhe o desempenho, porque tinha assistido ao ensaio geral, tomára, pela parte já representada, conta da impressão do publico, de modo que não receou dar a noticia n'esses termos: «Decorreram animados os 3 atos da peça tal, etc.» Pois sim, mas uma das atrizes, a que fazia o papel principal, tivera uma sincope a meio do 2.º ato e a representação não continuou, fechando o teatro e restituindo-se o dinheiro aos espectadores! Escusado será dizer que o infeliz noticiarista nunca mais deixou de assistir até o fim das representações, com os cinco sentidos alerta, principalmente quando a referida atriz entra na peça — por sinal que é a sr.ª D. Angela Pinto.

E isto ainda não é nada comparado com a *gaffe* cometida por outra pessoa das nossas relações e que, já agora, passamos a contar. Essa pessoa, comerciante estabelecido no Porto, morando na Foz, para onde ia todas as noites depois de fechar a loja e onde o esperava, de braços abertos, a bondosa senhora que tinha como esposa e que n'ele depositava a maior confiança, nem sempre justificada, porque o bréjeiro não poucas vezes recolhia a casa ás duas horas da noite, demorando-se na cidade em aventuras inconfessaveis e explicando sempre a demora por ter ido ao teatro...

Certa vez, de manhãzinha, a consorte levantou-se da cama, leu o *Primeiro de Janeiro*, que o distribuidor acabava de lhe entregar e voltando ao quarto quando o marido se estava vestindo, perguntou-lhe:

— Olha lá: hontem a que teatro foste? Vieste tão tarde para casa!

— Ao Baquet, respondeu o marido. E' que o espectáculo acabou tardissimo.

A mulher, com o ar mais inocente d'este mundo:

- E correu bem o espectáculo?
- Esplendidamente.
- Ah! admira-me...
- Porquê?

A esposa, mostrando-lhe a 1.ª pagina do jornal:

Porque o Baquet ardeu a noite passada, exclamou, apontando para o titulo, em letras enormes, da respétiva noticia.

Em raias é a maior que conhecemos.

J. Neutral.

Para deputados

Queixam-se alguns politicos de que os vultos principais da Republica não foram eleitos deputados e a proposito nota um jornal que, entre outras razões, varios dos ditos vultos ficaram fóra da camara... porque não se propuzeram. Com graça, diz ainda o mesmo jornal que por enquanto não se costuma prender ninguem para deputado...

Pois lá chegaremos, colega e amigo. Se não se toma uma providencia semelhante, arriscamo-nos a ficar um belo dia com S. Bento ás moscas, o que seria um transtorno de mil demonios.

Lembra-nos um facto da nossa mocidade, que bem prova que o mal vem muito de traz.

Havia em Coimbra um excelente alfaiate, popularissimo em toda a aca-



demia, reinadio e palrador. Um dia houve eleições para deputados e no circulo coimbrêense não se apresentavam candidatos opositoristas, pelo que os eleitores governamentais se dispensaram, tal como nos tempos presentes, de ir á urna. Os rapazes souberam d'isso e fizeram o seguinte: distribuiram uma centena de listas pelos amigos, com o nome do pobre alfaiate e, com pasmo da mesa respétiva, o homem appareceu eleito! Os cadernos eleitorais já estavam preenchidos com o nome do candidato — e mesmo sem ter entrado na urna uma só lista com o nome d'ele — foi essa batotinha o que valeu para livrar o parlamento da incomoda presença do tal, que nunca mais deixou de berrar, com carradas de justiça, que lhe tinham feito uma grande pouca vergonha.

E d'ái quem sabe se o dito alfaiate não teria feito melhor figura do que o pseudo-eleito?

Sem-ceremonia

Deu no goto da imprensa estrangeira a falta de rigor no vestuario dos diplomatas de Versailles, que appareceram na solenidade da apresentação das condições da paz aos delegados alemães, de rabona e chapéu mole, como qualquer de nós costuma apparecer em familia. E a sem-ceremonia chegou a tal ponto, que, ao que diz o *Daily Mail*, segundo telegrama traduzido em periodicos portuguezes, «o conde Brockdorff Rantzau, quando entrou no Trianon-Palace-Hotel, onde os aliados o esperavam, teve um



pequeno gesto insolente que não passou despercebido aos francezes».

Não se explica mais o *Daily Mail*, nem é preciso. No entanto, seja-nos permitido dizer que o referido gesto tem a abona-lo antecedentes honrosissimos, contando-nos o florilegio que o proprio S. Francisco usou d'ele em mais d'uma circumstancia critica.

O que se vê é que o meio de que Rantzau se serviu para mostrar o seu descontentamento produziu um certo efeito; é pena, o sr. dr. Afonso Costa não o ter imitado quando verificou que Portugal não era contemplado nas indemnisações: se se tem manifestado com veemencia identica talvez que as grandes potencias reconsiderassem.

DE FÓRA

QUADRAS

Eu só vivo de esperanças
E com elas morrerei;
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer é que eu não sei.

Matosinhos

LUZO.

APENDICITE

(Ao saber que os velhos são a ela indenes).

Não posso com o rabo d'uma gata!
Tormentos mil, e outras coisas mais,
Com desenganos, pesam-se quintais,
Na vida, que não ata nem desata.

Foram-se os sonhos bons, os ideais,
Que a prosa vil a todos desbarata:
Resta a velhice atolambada e chata,
Revendo tempos que não voltam mais!

N'estas ruínas, quem quizer, medite,
Ou finja ser ainda homem do tom,
A ver se encontra alguém que o acredite

A mim embala me um doente com:
Eu já não posso ter apendicite,
N'alguema coisa o infortunio é bom!...

ZÈ ACRE.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indulatrada isposuo

Istimarei munto có fazer desta tu istejas de çaude i mailos noços filhos, bácross, criasão, jimento e vaca leiteira, ca minha flizmente istá boa grassas a deus i ós grões que me mandastes cus jeneros alimenticius aqui istão cada vez mais caros, pruvavelmente pur cosa da pás, já que em antes era pur cosa da guerra.

Ora intão voute dezer ca cesti oitro dia á arrepersintasão duma pessa du mê crido amigo Sávalbaco cujo este le deu agora pra ir boscar as pessas velhas i deitarle uns pões de perlimpimpim pra parcerem novas, vai da in foi ó depóseto de ferros velhos agarrou na caronxosa Santa Umbalina deule uma demão de vrenis i paçou a xamarle Sol d'abril, cujo este vem a cer a Ameliasinha Colasso touda prenoscica i istruida. Ora cumo a Angila, que istá de casa i pocarinho cum u Robeles Montero é uma grandecissima tapada i nan presebe litraticeis i u Robeles fez uma pessa que foi patiada i a Ameliazinha diz ó Robeles ca quilo foi uma poca bergonha du pulvico, u Robeles quer fogir cum a Ameliazinha i pôr cum dono a prove da Angila que demais a mais istá pra ter uma cria du noivo. Mas afinal nan foge purque de repente entra u remorço cum a Ameliazinha i esta çafase pró cumboio



deichando nas mões duma buneca uma carta a despedirce da Angila i du Robeles i a desijarle muntos meninus.

De quem tive munto dó nisto tudo foi da Ameliasinha porque nan faz ce não deitar u pescosso pra traz i calquer dia desingonsace i é capaz de quebrar a ispinha; canto ós oitros, bem munto ubrigado, fazendo munta falta u sódoso mestre du Robeles cá por coisas que nan isplico mais purque nan vale a penna.

Cum isto nan te infado mais purque tanho de ir á isposição das rosas nu palassio das belas artes na rua Barata Çalgueiro pois é a coisa mais linda ca gora á in Lisboa, pur cinal que ção du Porto dus srs. Alfredo Mureira i filhos que ção toudos serimpaticos ó eles nan cunvivecem cum rosas!

Inté breve purque tanho muntas çoidodes tuas i calquer dia dou ai uma

EM FOCO

Gomes Ferreira



*Moço poeta: li sereno e atento
Os teus Lirios do Monte ha pouco escritos
E digo que tens versos bem bonitos,
Já pela fôrma, já no pensamento.*

*Possues o principal, possues talento,
E quem tem semelhantes requisitos
Muito embora cometa alguns delitos.
Não merece rigor no julgamento.*

*Como eu te invejo a fé que descortino
Na obra delicada e melindrosa
Que entregaste aos acasos do destino!*

*Por ora vês o mundo côr de rosa,
Mas saberás, um dia, meu menino,
Que ele nem vale a mais grosseira prosa!*

BELMIRO.

çaltada mêmo pra ver ce enxo a varri-ga canto mais nan ceja de serejas. Teu inté ó feturo pra cempre á mãi Jasus.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Rosas de Alnaluar, por José Schmidt Ran. — Estamos, incontestavelmente, na presença de uma obra de valor, denotando um verdadeiro engenho poético. Ai vai a prova.

A saia rasgada

Maria, aquela que eu amo,
Rasgou a sainha curta
N'um ramo esquivo de murta.
Foi pouco atrevido o ramo!

Se fosse eu, aqui proclamo,
Rasgava mais do que a murta.
Maria, aquela que eu amo,
Rasgou a sainha curta.

De saber aqui reclamo
Como se rasga e se furta:
Ora se estende ou encurta.
Rasgou a saia n'um ramo,
Maria, aquela que eu amo.

O encantado, de Antonio de Portugal. — Acompanhado por belos desenhos de Eduardo Marta, os versos do *Encantado* lêem-se com prazer. Escreve-os um moço de 20 anos, com a alma cheia de poesia coimbrã, dando-nos quadras encantadoras, como estas:

Falas d'amôr só as sabem
Os cegos, de olhar profundo;
Ha palavras que não cabem
Dentro da luz d'este mundo!

Os cegos! Deus os cegou
Para que o vissem mais puro;
Brilham melhor as estrelas
Quando o ceu é mais escuro...

Na fronteira

Uma das coisas em que a atividade dos governos espanhoes se manifesta com mais força é nas medidas que tomou na fronteira para que as doenças dos portuguezes se não peguem aos *nuestros hermanos*: ao menor espirro dado áquem Guadiana, mobilisa-se toda a *guardia civil*, não vá o sr. Romanones constipar-se.

Está muito bem, mas como amor



com amor se paga, se procedessemos com eles de igual modo não faziamos mais do que o nosso dever. Então as nossas epidemias de onde teem vindo, afinal, senão de Espanha?

Muito melhor faríamos não as deixassemos entrar do que vendo-nos obrigados depois a pô-las fóra com medicamentos vãolentos. A *filipite*, por exemplo, esteve cá durante sessenta anos, por frouxidão e condescendencia nossa, sendo por fim necessãria a esfregação de 1640 para nos vermos livre d'ela...

Palavras urgentes



—O que é urgente é V. Ex.^a não se meter com quem se não mete comsigo. . .